

XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

A dimensão cultural como meio de combate à discriminação étnica

Gilson Santos Minichilli Prates¹ 

RESUMO

Este texto apresenta os resultados da pesquisa de mestrado intitulada “Como nasce um sanfoneiro no Nordeste: tecendo nordestinidades”, defendida em 2022 no PPGREC/ODEERE, e seus desdobramentos atuais no doutorado pelo PPGMLS/UESB. A pesquisa investiga como sanfoneiros de Jequié-BA, de diferentes gerações, constroem suas nordestinidades a partir de discursos identitários atravessados por marcadores sociais como raça, território e classe. A partir da história oral, das entrevistas narrativas e da análise do discurso, identificou-se que as representações de si como “sanfoneiros nordestinos” são construções individuais e dinâmicas, ainda que inscritas em um imaginário coletivo. O forró, nesse contexto, é compreendido como expressão afrobrasileira de resistência, memória e pertencimento. A pesquisa se insere nos debates sobre relações étnicas, evidenciando a centralidade da cultura como campo político e simbólico de enfrentamento das desigualdades. Ao valorizar as manifestações culturais como práticas sociais dotadas de potencial transformador, reforça-se o papel estratégico da produção acadêmica no combate à discriminação étnica e na construção de uma sociedade mais justa. O ODEERE, ao promover esse tipo de diálogo, reafirma seu compromisso com a escuta das vozes historicamente silenciadas e com a celebração da diversidade como forma de resistência.

Palavras chave: Relações étnicas; Cultura; Produção acadêmica.

Introdução

Este texto é fruto da exposição dos resultados da minha pesquisa de mestrado intitulada: “Como nasce um sanfoneiro no Nordeste: tecendo nordestinidades” durante a “XX semana de combate à discriminação étnica e X seminário do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC/ODEERE)”, defendida no ano de 2022 sob a

¹ Graduado em Administração pela Faculdade de Tecnologia e Ciência (2009), especialista em metodologia do ensino superior pelas Faculdades Integradas Euclides Fernandes (2011), graduado em História pelas Faculdades Integradas de Ariquemes (2018). Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Professor da Rede Estadual de Educação da Bahia.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

orientação do professor doutor Danilo César Souza Pinto, bem como os pontos de interseção com a pesquisa que está em curso no doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Memória, Linguagem e Sociedade – PPGMLS/UESB, sob a orientação do professor doutor Edson Silva de Farias.

A proposta do evento foi discutir estratégias e ações para combater as muitas maneiras de discriminação étnica, problema persistente na sociedade brasileira que causa exclusão e desigualdade e que, por esse motivo, perpetua injustiças. Nesse sentido, reunir estudantes e egressos do PPGREC cujas pesquisas orbitam a temática das relações étnicas e suas interfaces, além de professores, pesquisadores e a comunidade em geral representa o compromisso deste programa de pós-graduação através do Órgão de Educação e Relações Étnicas – ODEERE com construção de uma sociedade mais justa.

O combate à discriminação étnica se efetiva em diversas frentes de atuação, e uma delas é através da produção acadêmica, que busca analisar e refinar o olhar sobre questões sociais sensíveis, propor caminhos para a superação de desafios que se apresentam, bem como servir de base para a elaboração de políticas públicas de combate a todo tipo de discriminação e preconceito. A existência do ODEERE e o trabalho desenvolvido neste órgão de educação por si só representam um caminho ostensivo de combate à discriminação étnica, racial, social e de gênero.

Além do nosso, foram apresentados os trabalhos desenvolvidos por Fabrício Diego Gomes, Ivana Karoline Novaes e Viviane Sales Oliveira, todos, de alguma maneira, convergindo para o exame de aspectos culturais pelas lentes das discussões sobre relações étnicas, o que representa o argumento central deste texto.

As manifestações culturais carregam em sua essência uma predisposição à resistência, à insubmissão, à transgressão, ao enfrentamento, ao protesto, enfim, à



UESB
UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
SUDESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de
DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

liberdade. Nesse sentido, compreendemos a dimensão das expressões culturais como um meio poderoso de difusão de ideias e comportamentos capaz de moldar a percepção de mundo e a ação das pessoas diante realidade. O combate à discriminação étnica passa também, portanto, pelos diversos caminhos possíveis e pela adesão dos fazedores das diferentes expressões culturais.

Nossa pesquisa intencionou investigar como sanfoneiros de diferentes gerações da cidade de Jequié-Ba elaboram suas nordestinidades, ou seja, como esses sujeitos se percebem e como constroem discursivamente a ideia de ser um sanfoneiro nordestino. Para tal empreitada tomamos como aporte teórico as ideias de Albuquerque Jr. (2011) sobre a “invenção do nordeste”, Silva (2009) e Hall (2019) tratando da construção da identidade, Cunha (2009) e Arruti (2014) acerca da etnicidade, Moscovi (2007) e Jodelet (2001, 2019) sobre as representações sociais e Machado (2015) com o conceito de diferencialidades.

Albuquerque Jr. (2011) propõe o Nordeste como uma construção discursiva recente decorrente da ruína da antiga organização geográfica do Brasil que dividia o país em dois polos: norte e sul. Segundo o autor, o Nordeste é inventado pelas elites dirigentes para dar conta da nova dinâmica trazida pelas transformações internas nos cenários políticos, econômicos, sociais e culturais que ocasionaram a modernização e que inauguraram um regionalismo de tipo novo, não mais pautado singularidades naturais do espaço e do povo, mas que adota um tom homogeneizante em nome de um suposto passado comum e um pretenso compartilhamento cultural.

O autor situa o nascimento do Nordeste no início do século XX, especificamente, no período após Primeira Guerra, quando a reorganização geográfica do poder realçou nacionalismos mundo afora. No Brasil, a busca da identidade nacional durante o governo de Vargas cria o ambiente propício para a consolidação das diferenças regionais do Brasil e, portanto, da ideia de Nordeste



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
SUDESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de
DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

enquanto uma unidade. (ALBUQUERQUE JR., 2011, p. 53).

Ainda sobre o Nordeste, não podemos perder de vista que nessa região do Brasil aconteceram os primeiros contatos entre os povos originários e os europeus, e que durante o processo de colonização, milhões de pessoas de diversos povos são trazidos à força de África para serem escravizadas. A história não abandona o seu palco. As relações entre os povos originários, africanos e seus descendentes e os europeus tiveram muitos de seus capítulos mais dramáticos nessa região do Brasil. Não podemos falar de Nordeste sem considerar seu passado e, muito menos, o seu presente. Atualmente ainda recai sobre o povo nordestino o peso de estigmas de um Brasil colonial, escravista, excludente, preconceituoso.

Luiz Gonzaga como grande figura brasileira, que se empenhou em apresentar e representar seu Nordeste ao restante do país, era um homem negro, que para se blindar (se é que isso é possível) da discriminação dupla (por ser negro e nordestino, ou nortista, termo empregado à época) preferiu tocar pouco nessa ferida. Isso não o isentou de diversas ocasiões de discriminação, que podemos conhecer melhor em sua biografia escrita por Dominique Dreyfus (2012). O forró como sua criação é também uma expressão de resistência num ambiente completamente hostil; o forró, assim como o samba, é uma expressão afrobrasileira que representa uma porção do país ainda marginalizada. Falar de sanfoneiro e de forró, no contexto do Nordeste, é mergulhar numa porção da história do Brasil que é pouco discutida, e é nessa condição que nossa pesquisa, ao tratar da percepção de si de sanfoneiros jequienses (portanto, nordestinos), está discutindo elementos de relações étnicas.

Quanto à construção das identidades e sua representação, Silva (2009, p.p. 17-18), afirma que “a representação inclui práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos”, além de salientar que são os discursos que constroem os lugares de



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

onde os indivíduos se posicionam e falam. Stuart Hall (2019) propõe três concepções de sujeito: a) sujeito do iluminismo, que compreende a identidade como estável e imutável; b) o sujeito sociológico, que admite haver influência externa na percepção da identidade; e c) sujeito pós-moderno, que rompe com a ideia de estabilidade da identidade, considerando a existência de não uma, mas múltiplas identidades.

A categoria etnicidade é um dos elementos centrais da pesquisa, o filtro pelo qual buscamos analisar a percepção de si dos sanfoneiros jequeienses. Para isso recorreremos às formulações de Arruti (2014, p. 209-210). Para este autor, a “eticidade continua servindo para classificar e, com base na classificação, organizar e regular a interação entre indivíduos”, mas fundamentada em um arcabouço de “formas sociológicas” que abrange desde os grupos étnicos até as múltiplas modalidades de comunidades imaginadas. Manuela Carneiro da Cunha (2009, p. 237), ao tratar da etnicidade e da cultura, afirma que, no processo de interação entre os diferentes grupos, a cultura tende a acentuar-se, sendo configurada como uma *cultura de contrastes*, e que em virtude disso passa a adotar um número reduzidos de traços diacríticos, cristalizando-se.

Quanto às representações sociais, baseamo-nos na teoria proposta por Moscovici (2007, p. 54), que estabelece: “a finalidade de todas as representações é tomar familiar algo não-familiar, ou a própria não-familiaridade”, para a qual a “não-familiaridade” representa a própria alteridade. Jodelet (2019, p. 18) sustenta que “as representações permitem expressar a identidade dos sujeitos que a endossam” e que essas são transmitidas através da comunicação social”, além do mais, é a necessidade de nos relacionarmos com o mundo ao nosso redor, de entender e ser entendido no contexto social é o que impulsiona a criação de representações.

Em Machado (2015) valemo-nos da ideia de diferencialidade, que tensiona



UESB
UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
SUDESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de
DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

noções como cultura, etnicidade e identidade, entendidos por ele como conceitos que tendem à objetificação. O autor argumenta que ao agrupar a diversidade sob um mesmo rótulo, o que é anulada é a própria diferença que constitui tais conceitos, ou seja, o que deveria ser um maquinário teórico para pensar a diferença, acaba por se reificar.

Metodologia

Diante da nossa proposta de investigação de como são elaboradas as nordestinidades pelos sanfoneiros jequieenses, optamos por utilizar a História Oral – HO como método de pesquisa por nos parecer o caminho adequado aos nossos objetivos. De acordo com Alberti (2004), o uso da HO possibilita a análise de muitas narrativas sobre um mesmo fato ou evento, oferecendo recursos relevantes para interpretar e compreender determinado fenômeno. As narrativas construídas por meio da memória se constituem em um processo consciente de elaboração, no qual entrevistador e entrevistado interagem e colaboram intencionalmente para reconstruir um acontecimento específico do passado. Alves (2016, p. 3) caracteriza a HO como “uma metodologia que busca ouvir e registrar as vozes dos sujeitos excluídos da história oficial e inseri-los nela”.

Como técnica de coleta de dados utilizamos a entrevista narrativa, que essencialmente valoriza comunicação verbal e põe em destaque a elaboração narrativa sobre a temática proposta. Muylaert et. al. (2014, p. 194) argumenta que “esse tipo de entrevista visa encorajar e estimular o sujeito entrevistado (informante) a contar algo sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social”.

Para o tratamento dos dados, mobilizamos o dispositivo da análise do discurso como forma de compreender os efeitos de sentido produzidos pelas narrativas dos sanfoneiros participantes da pesquisa. A análise do discurso parte



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
SUDOESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

do princípio de que toda formulação discursiva é atravessada por uma rede de discursos anteriores, internalizados e silenciados no inconsciente — o interdiscurso — os quais incidem, de forma involuntária, sobre o processo de enunciação individual — o intradiscurso (Orlandi, 2020). À luz dessa perspectiva, compreendemos as narrativas dos sanfoneiros como construções marcadas por esses interdiscursos. Embora certos enunciados recorram a formações discursivas semelhantes, a produção de sentido adquire contornos específicos em cada situação, moldada pelos contextos particulares em que tais discursos são ativados.

Resultados e Discussões

A pesquisa foi desenvolvida com a colaboração de 6 participantes, os quais foram divididos em duas categorias: a) Velha Guarda – VG, sanfoneiros residentes em Jequié que exercem este ofício a mais de 30 anos, e b) Nova Geração – NG, para sanfoneiros com até dez anos de atuação. Os participantes da VG foram Tribuna do acordeom, Claudinho dos 8 baixos e Antônio de Assis, enquanto Palmeiron Andrade, Lello Andrade e Moysés Mesquita representaram a NG.

As entrevistas foram realizadas seguindo um roteiro previamente elaborado para possibilitar um diálogo fluido entre entrevistador e entrevistado, aberto, inclusive, para o surgimento de questões e temas que a ocasião ensejava. As questões norteadoras sondavam sobre o que é ser um nordestino; o que representa ser um sanfoneiro; o que é considerado como música nordestina; e o que é ser um sanfoneiro nordestino. Basicamente, o participante era estimulado a contar um pouco de sua história de vida e sua relação com a música e com a sanfona; a partir daí a temática ia sendo abordada num diálogo natural.

Os resultados da pesquisa indicaram que o fator geracional não se impôs como algo substancialmente diferenciador e que cada sanfoneiro elabora suas nordestinidades a partir de seus referenciais de Nordeste, ou seja, embora houvesse



UESB
UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
SUDESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de
DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

elementos comuns na construção do ser nordestino, a percepção é construída levando em consideração o conjunto de experiências de cada um; os resultados evidenciaram, ainda, independente de desejo pessoal, estar o sanfoneiro associado a um imaginário corrente ligado às nordestinidades. Dessa forma, destaca-se que as construções das nordestinidades, ainda que tomando uma mesma posição de sujeito (de sanfoneiro), processam-se em nível individual.

Sobre a música nordestina, todos os participantes consideram o forró tradicional como a música genuinamente nordestina, havendo resistência em aceitar os ritmos derivados contemporâneos como fazendo verdadeiramente parte desse gênero musical.

Parte dos resultados aponta que as nordestinidades são construídas a partir de diversos discursos articulados numa perspectiva individual, no intuito de se fazer representar no mundo, conforme as Teoria das Representações Sociais preconizam. Nesse sentido, o foco na diferença de produção discursiva de si mesmo, e não nas similitudes homogeneizantes, aproxima a categoria analítica das nordestinidades ao que Machado (2015) propõem como o instrumento teórico da diferencialidade.

A pesquisa que estou desenvolvendo atualmente no doutorado também explora a dimensão cultural, mas por outro viés: o da memória. A ideia é investigar como a memória é agenciada no processo de produção da festa de São João da cidade de Jequié, a fim de compreender os mecanismos e estratégias acionados pelos diferentes agentes sociais envolvidos na concepção, planejamento e execução dessa festa popular. Diante do que foi exposto até aqui, continuar a estudar o campo cultural representa um esforço para compreender dinâmicas sociais das quais as festas populares são uma expressão.

Conclusões

A pesquisa apresentada reafirma o papel fundamental da produção



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
SUDOESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de
DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

acadêmica na análise crítica das construções identitárias e na denúncia das desigualdades históricas e sociais que marcam o Brasil, especialmente no que tange às relações étnicas e culturais no Nordeste. Ao investigarmos as nordestinidades construídas por sanfoneiros jequienses, evidenciamos que tais representações de si não se sustentam em uma essência fixa, mas são resultado de um emaranhado de experiências e discursos que se entrelaçam com os marcadores sociais da diferença, como raça, território, classe etc. O forró, nesse contexto, não é apenas uma manifestação cultural, mas também um campo de disputa simbólica onde se atualizam sentidos de pertencimento, resistência e memória.

Ao lançar luz sobre os processos de construção discursiva do ser sanfoneiro nordestino, a pesquisa colabora para a compreensão desses processos como fenômenos múltiplos, fluidos e situados, ao mesmo tempo em que evidencia o valor político das expressões culturais na luta contra a discriminação étnica e na afirmação de modos de existência historicamente marginalizados. Dessa forma, reiteramos a importância de espaços como o ODEERE e os programas de pós-graduação que se propõem a enfrentar, pela via do conhecimento e da escuta dos sujeitos silenciados, os desafios impostos por uma sociedade ainda marcada por profundas desigualdades.

Os resultados desta pesquisa reafirmam o papel estratégico da cultura como instrumento de resistência e enfrentamento das desigualdades históricas que marcam as relações étnicas no Brasil. O forró, nesse contexto, revela-se muito mais do que uma expressão artística: trata-se de um território simbólico de autoafirmação, de preservação da memória coletiva e de contestação dos estigmas impostos ao povo nordestino.

Compreender as manifestações culturais como práticas sociais carregadas de significados políticos, permite reconhecer seu potencial transformador. Nesse



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
SUDOESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de
DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

sentido, valorizar as expressões culturais como parte da luta antidiscriminatória é reconhecer que o combate à desigualdade se dá também pela afirmação da diferença, pela celebração da pluralidade e pela escuta das vozes historicamente marginalizadas.

Referências

ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ALBERTI, V. **Ouvir contar – Textos em História Oral**. Rio de Janeiro, FGV, 2004.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **A invenção do nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

ALVES, R. C. **Representações sociais e a construção da consciência histórica**. Curitiba: CRV, 2018.

ARRUTI, J. M. **“Etnicidade”**. In: SANSONE, Lívio; FURTADO, Cláudio Alves. Dicionário crítico das ciências sociais dos países de fala oficial portuguesa. Salvador: EDUFBA, 2014, p. 199-214.

CUNHA, M. C. **Cultura com aspas e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify. 2009.

DREYFUS, D. **Vida de Viajante: a saga de Luiz Gonzaga**. São Paulo: Editora 34, 2012 (3ª Edição).

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12ª ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2019.

JODELET, D. **Representações sociais: um domínio em expansão**. In: JODELET, D. (Org.). Representações sociais. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001. p. 17-44.

MACHADO, I.J.R. **Deslocamento e Parentesco**. São Carlos: EdUFSCar, 2015.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. -5ª ed Petrópolis: Vozes, 2007.

MUYLAERT, C. J., SARUBBI Jr, V., GALLO, P. R., ROLIM NETO, M. L., & REIS, A. O. A. (2014). **Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa**. Revista da Escola de Enfermagem da USP, 48(Esp2), 193-199



UESB



Colegiado do curso de

DANÇA



**XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA &
X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS
E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)**

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 13. ed. Campinas, SP: Pontes, 2020.

SILVA, T. T.(org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de

DANÇA

